



A Forja da Coragem

by Correa Lima



Naquela noite, sob uma lua parcial, Elara liderou a expedição. Ela não era uma cavaleira, mas uma ferreira, e seu coração batia forte. O grupo, composto por fazendeiros e tecelões, subiu a montanha, seguindo trilhas que Elara conhecia bem.



Ao chegarem perto da caverna, Elara deu as últimas instruções. Ela pendurou o maior sino, voltado para a entrada da caverna. "Quando eu tocar este sino," ela sussurrou, "vocês toquem os seus. Façam o maior barulho que puderem."



Elara, segurando um pedaço de aço, bateu no sino. BONG! O som ecoou na montanha. Um rugido furioso respondeu das profundezas da caverna, e o Dragão Cinzento emergiu, seus olhos fendas de raiva.



Os aldeões, o chefe, o padeiro, a lavadeira, começaram a tocar seus sinos. A cacofonia foi ensurdecadora. Cada sino emitia uma nota diferente, criando uma parede de som caótica que o dragão não conseguia suportar.



Vendo o dragão cambalear, Elara, a ferreira, fez o que parecia impossível. Ela caminhou em direção à entrada da caverna, balançando o sino principal com todas as suas forças. O Dragão, sentindo a dor do som, se virou.



Com um rugido final de frustração, o Dragão Cinzento voou para a noite. Os aldeões celebraram, pois haviam derrotado a criatura com a única arma que importava: a coragem coletiva. No centro da vila, o sino de Elara se tornou um monumento à bravura.